

Desempenho dos países emergentes, em 2006.

Em 2006, o Brasil obteve o pior resultado entre o BRIC. Os elevados custos fiscais reduzem a competitividade e contribuem para que o nível de investimento seja insuficiente para elevar o crescimento.

Em 2006, o Brasil apresentou a menor taxa de crescimento do Produto Interno Bruto, PIB, dentre o conjunto denominado BRIC, composto ainda pela Rússia, Índia e China. Na tabela abaixo, pode-se verificar o desempenho dos países do BRIC.

Indicadores econômicos, em 2006

| 2006 | Brasil | Rússia | Índia | China |
|---------------|--------|--------|-------|-------|
| PIB, em % | 2,9 | 6,7 | 8,2 | 10,2 |
| Investimento* | 21,3 | 20,6 | 30,6 | 43,8 |
| Poupança* | 25,3 | 33,5 | 29,3 | 47,8 |
| Tributos* | 38,0 | 31,0 | 17,0 | 16,0 |

Nota: * em participação do PIB do país.

Um fato que chama a atenção é a relação existente entre a taxa de crescimento e os demais itens apresentados. O Brasil, por exemplo, é o país que apresenta a maior carga tributária, a menor taxa de poupança e o segundo menor índice de investimento, todos como percentagem do PIB. Em contra partida, a China é o que possui maiores taxas de poupança e investimento e também o menor nível de tributos. Estes fatores explicam o elevado ritmo de crescimento da economia e também a posição do país no ranking de competitividade, desenvolvido pela Câmara Americana de Comércio e pelo Movimento Brasil Competitivo.

O Painel de Competitividade 2006 considerou o México e os demais integrantes do BRIC. A China aparece em primeiro lugar no ranking, seguida de Índia e Rússia. O Brasil ocupa a última posição.

O painel ainda mostra que o Brasil, em relação aos países BRIC-M, apresentou piora em 14 dos 24 indicadores avaliados, entre eles Risco Soberano, Intenção de Investimentos Diretos Estrangeiros, Transparência da Política Governamental, Custo de Energia, Infra-estrutura de Escoamento de Mercadorias, e Empreendedorismo.

O País avançou em apenas dois indicadores, Leis Trabalhistas e Funcionamento da Justiça, nos quais passou da quinta colocação para a quarta. No caso do Funcionamento da Justiça, o desempenho refletiu o agravamento da situação na Índia. Já no caso das Leis Trabalhistas, indicador que mede a dificuldade dos empresários para contratar e demitir funcionários, o País registrou melhora frente aos concorrentes diretos e também em relação ao restante do mundo. Ainda ocupa, contudo, a 103ª posição no ranking global, que avalia 175 economias. Em outros oito índices, as posições do Brasil foram mantidas de 2000 a 2006. Entre eles, Taxa de Juros Real e Carga Tributária, ambos em quinto lugar.

O Painel de Competitividade 2006 aponta que os ajustes fiscais são fundamentais para o crescimento no Brasil. Os altos gastos públicos exigem uma carga tributária elevada, a mais alta entre os países do BRIC-M. Outro sério problema é o tempo de abertura de empresas no País, de 152 dias, maior período entre os concorrentes.

O risco soberano, apesar de apresentar tendência declinante desde 2000, continua em nível bastante elevado, o pior entre os competidores. Esse indicador mede a capacidade de um país honrar seus compromissos financeiros. Assim, quando é alto, impõe a necessidade de altas taxas de juros para atrair investimentos.

No caso dos fluxos de Investimentos Diretos Estrangeiros houve queda, ao passo que China e Rússia registraram aumentos significativos.